

Ato contra recessão une CUT e empresários

Itamar Miranda/AE



Passeata em São Bernardo contra demissões, na quinta-feira

Manifesto será lançado num espaço fechado, mas idéia é levar o movimento para as ruas

LILIANA PINHEIRO

Empresários do Sindicato da Micro e Pequena Indústria do Estado de São Paulo (Simpi) e do Pensamento Nacional das Bases Empresariais vão se unir à Central Única dos Trabalhadores (CUT) para o lançamento de um manifesto contra a recessão em São Paulo.

Trata-se de um desdobramento do movimento que paralisou parcialmente o ABC quinta-feira e colocou no mesmo palanque partidos como o PT e o PTB, além da CUT e da Força Sindical, diretores dos Centros das Indústrias do Estado de São Paulo e dirigentes das associações comerciais da região.

O manifesto será lançado num espaço fechado — o teatro da PUC, o Tuca, ou o auditório da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Mas a idéia é, num segundo momento, levar para as ruas o movimento. Possivelmente em setembro, junto com um dia nacional de mobilização e paralisações que a central está preparando — a data será definida em plenária no próximo final de semana.

A plenária vai dedicar boa parte do tempo às discussões sobre conjuntura e a possibilidade de unir o País em torno da bandeira de retomada do crescimento. Inverter um

crescimento que atingiu 10% no primeiro trimestre para um acumulado de 5% no ano pode ser bem mais desastroso do que parece nas planilhas do governo, segundo o primeiro-secretário da CUT, Marcelo Sereno.

Falta a adesão da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Mas há otimismo, segundo a direção executiva da CUT. O diretor da central, Remígio Todeschini, disse que sindicalistas nunca conversaram tanto com empresários no seu próprio espaço e sem pauta salarial sobre a mesa. Há pouco mais de um mês, o presidente da CNI, Mário Amato, compareceu à sede cutista em São Paulo para discutir política econômica e reforma tributária. Há seminários em andamento sobre reformas que envolvem trabalhadores e empresários da CNI e da Fiesp.

“Os acenos mais objetivos do empresariado para aderir ao movimento contra a recessão vão começar agora, a partir da experiência do ABC”, afirmou Todeschini. Para o diretor do Ciesp de Santo André, Fausto Cestari, a amarração dessa união estratégica entre capital e trabalho surgiu justamente na visita de Amato à CUT. “O ato no ABC foi só o começo”, afirmou. Segundo ele, o presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, vem conversando com o

presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, e com lideranças da Força Sindical sobre objetivos comuns que possam ser perseguidos em ações conjuntas.

Cestari contou que já não há tanta preocupação com as diferenças na maneira de se expressar dos empresários e dos trabalhadores e que, em se tratando de recessão, essas diferenças se resumem mesmo à forma. Patrão e empregado, disse, não concordam com o diagnóstico do governo de que empresas fecham apenas por mau gerenciamento e falta de investimento em qualidade. “O governo se coloca como o único competente da

história”, reclamou.

O secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Carlos Alberto Grana, não duvida de mais nada. Segundo ele, desde a mobilização pelo impeachment do ex-presi-

dente Fernando Collor de Mello, não se tinha a perspectiva de união entre capital e trabalho por uma causa que mobilizasse os trabalhadores.

Em uma semana e meia, Grana e o presidente do Sindicato, Helguiberto Navarro, o Guiba, prepararam o ato que reuniu mais de 30 mil pessoas, com apoio de 70 entidades do ABC e das sete prefeituras. Tamanha rapidez, para ele, só pode indicar que o caminho já estava aberto.

**FALTA
A ADEÇÃO
DA
FIESP**